



A CULTURA LÚDICA E OS SUJEITOS DO CAMPO: RELATOS DOS ALUNOS DO PROEJA DO IFPA/CASTANHAL-PA.¹

Shirley Silva do Nascimento
Nazaré Cristina Carvalho
Ana Paula de Mesquita Sampaio

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as relações existentes entre a cultura lúdica e a construção da identidade do sujeito do campo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de questionário contendo perguntas abertas e os sujeitos foram vinte e cinco alunos do PROEJA do IFPA/Castanhal. Estes foram analisados a partir de categorias considerando uma matriz crítica. O estudo sinalizou alternativas investigativas e reflexivas referentes à identidade dos sujeitos do campo, que estão para além da categoria trabalho, dialogando também com os aspectos socioculturais do repertório lúdico.

PALAVRAS CHAVE: Lúdico; Identidade; Sujeitos do Campo.

INTRODUÇÃO

A partir das experiências vivenciadas com as turmas do PROEJA Saberes da Terra do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/ Castanhal no trato da disciplina de Educação Física, a qual tem como eixo norteador a cultura corporal do movimento, de maneira a reconhecer o sujeito na sua totalidade, permitindo a construção de novos olhares entre as relações socioculturais e o movimento humano, surgiram diversas inquietações voltadas para melhor compreender a formação humana dos filhos de agricultores, visto que os desafios encontrados estão sedimentados na própria fragilidade e conhecimento da realidade e processo formativo desse grupo social, que apresenta uma especificidade que precisa ser considerada.

As aulas de Educação Física têm se tornado um momento da manifestação lúdica desses corpos do campo, os quais explicitam suas peculiaridades nas diferentes vivências e debates, que buscam uma formação técnica em agropecuária, mas que também necessitam da valorização de seus saberes e de sua construção sociocultural.

Os alunos do PROEJA 2012 são moradores do campo, de diferentes municípios do Estado do Pará (Mãe do Rio, Primavera, Ipixuna, Bragança, Bujaru e Concórdia) tendo em comum a relação prática da agricultura familiar, a qual consiste numa organização produtiva sedimentada pela subsistência bem como o trato da roça. Ainda são de localidades ribeirinhas, tendo estreitas relações com o trabalho, principalmente da agricultura familiar, a

qual consiste numa organização produtiva sedimentada pela subsistência. Dessa forma, reafirmamos a necessidade de ampliarmos as compreensões sobre as manifestações lúdicas dos filhos dos agricultores na construção da própria identidade do campo.

Esta construção teórica torna-se uma possibilidade de enriquecimento dos debates em relação à Educação do Campo, visto que traz um diálogo o qual foi sedimentado a partir do seguinte objetivo da pesquisa realizada: Quais as relações existentes entre a cultura lúdica e a construção da identidade dos sujeitos do campo? Sendo que a pesquisa foi norteada pelas questões: Qual a cultura lúdica dos sujeitos do campo? E Quais as relações socioculturais vivenciadas na manifestação lúdica dos sujeitos do campo?

A análise dos dados construiu-se de maneira interpretativa e analítica, estabelecendo diálogos teóricos a partir da organização das falas dos sujeitos em quadros referentes às específicas perguntas: Quem é o sujeito do campo? O que você reconhece como práticas socioculturais da sua comunidade? O que você gosta de fazer na sua comunidade (campo) para o seu divertimento? Por que? Existe alguma manifestação de diversão que você considera tradicional na sua comunidade? Qual e por que? Você acredita que as atividades lúdicas (de diversão, prazerosas) contribuem para a construção da identidade do sujeito do campo? Por que?

1-DIÁLOGOS E APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: RELAÇÕES ENTRE CULTURA, IDENTIDADE E SUJEITOS DO CAMPO.

Para iniciar, recorreremos a Brandão (2002,p.44) quando contextualiza os conflitos culturais a partir da relação entre a cultura dominada e a cultura dominante; a cultura alienada e a cultura alienadora; a cultura popular e a cultura erudita, pois historicamente a cultura foi interpretada como elemento homogeneizador numa correlação de força de uma cultura sobre a outra, sendo importante refletir sobre a descaracterização cultural como padrão único de comportamento.

Esse entendimento é importante visto que é necessário compreender a cultura principalmente nas relações simbólicas e identitárias dos sujeitos sociais, buscando o enfrentamento das relações culturais como sistemas igualitários, pois a cultura é a concretização das especificidades e das diferenciações entre os grupos sociais, contextos que são revalidados na relação simbólica da dinâmica social (BRANDÃO, 2002,p.16).

Ora, não pode existir ação universalizadora, visto que a cultura se consolida nas relações sociais e significados atribuídos às construções e ações cotidianas que perpassam pelos valores que norteiam e normatizam coletivamente as práticas sociais seja do trabalho, do

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

lazer, da religião, da educação, da família, ou seja, é preciso respeitar a singularidade existente no processo social da formação humana.

As bases teóricas apresentadas dialogam diretamente com a construção da identidade, ou seja, falar de cultura é dialogar diretamente com a formação identitária dos sujeitos em um determinado contexto. A pesquisa realizada direcionou o estudo sobre a cultura lúdica e a identidade do sujeito do campo, compreendendo que a cultura perpassa pelas vivências de lazer também, como bem afirma Brandão (2002,p.65).

Para tanto, percebemos a necessidade de reafirmar que toda vivência de lazer são práticas lúdicas construídas pelos próprios sujeitos nas suas relações sociais e culturais, permitindo assim a compreensão de que as vivências lúdicas que são construções culturais oriundas no próprio cotidiano também são afirmações e reafirmações de identidades do grupo que as significam e resignificam nas práticas cotidianas do contexto.

Na tentativa de apontar alguns aspectos históricos referentes ao reconhecimento dos sujeitos do campo, reconhecemos como importante apresentar um aspecto abordado por Carvalho (2011,p.20), a qual faz um apanhado histórico sobre a imagem dos sertanejos, povo caipira e sujeito do campo, explicitando as relações que foram impregnadas na marginalização e processo de homogeneização dos sujeitos que não eram das cidades e grandes centros urbanos.

A autora descreve claramente a imagem do “Jeca TaTu” como estereótipo atribuído na época do homem do campo e as diversas atribuições preconceituosas e caracterizações de comportamentos no sentido do desmerecimento em uma relação comparativa ao homem da cidade.

Já Fernandes (2009,p.142) afirma que quando pensamos o mundo a partir de um lugar onde não vivemos, e idealizamos um mundo, vivemos um não lugar. Isso acontece com a população do campo quando pensa o mundo e, evidentemente, o seu próprio lugar a partir da cidade. Este modo de pensar idealizado leva ao estranhamento de si mesmo, o que dificulta muito a construção da identidade, condição fundamental da formação cultural.

A proposta dessa questão não é aprofundar essa visão distorcida dos sujeitos do campo, mas de trazer elementos que historicamente foram construídos e que ainda permeiam a construção ideológica na sociedade. No entanto, neste estudo partimos da compreensão de que:

Os sujeitos do Campo [...] são os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente, sujeitos da luta pela terra e pela reforma agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo, sujeitos da resistência na terra dos quilombos; e pela identidade própria desta herança, sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

indígena e brasileiro, em terras demarcadas e em identidades e direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas, pedagógicas (CALDART, 2009, p. 152).

O sujeito do campo acima reflete bem o que interpreta Tadeu (2009,p.74) quando subsidia o debate na identidade no processo da diferença e na construção do “não ser”, já que a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e sobre quem está excluído que implica em um contexto de relação de poder.

A sociedade é estruturada em processos dicotomizados de organizar os grupos sociais no sentido de engrandecer e prestigiar um grupo hegemônico, vivendo diferentes dinâmicas, principalmente no que diz respeito aos movimentos sociais do campo, os quais também não serão interpretados de maneira padronizada, pois existem especificidades de cada contexto, mas merecem ser considerados a partir dos elementos em comum que consistem na resistência e luta política pelo direito de ser do campo.

Assim, enfatizamos que pensar hoje o sujeito do campo a partir de decodificações de comportamentos ou caracterizações é algo não aceitável, pois existe um movimento histórico, político, econômico, cultural, identitário e de formação dinâmica que movimenta e dá vida a esse grupo social que precisa ser compreendido no seu próprio processo de luta.

Dessa maneira, buscando construir bases norteadoras para compreender o sujeito do campo na sua própria complexidade, apontamos Caldart (2009,p.153), quando afirma que há ainda as diferenças de gênero, de etnia, de religião, de geração, diferentes jeitos de produzir e de viver, diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas, diferentes jeitos de fazer a própria resistência no campo, diferentes lutas.

As diferenças apresentadas no entendimento de Caldart (2009,p.154) possibilitam aproximações com as considerações de Woodward (2009,p.18), o qual afirma que a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis e por um modo específico de subjetividade.

A partir dessa compreensão percebemos que não podemos pensar cultura sem considerar a identidade, tampouco propor uma reflexão inversa, visto que ambas se consolidam e se transformam em um processo dinâmico construído pelos sujeitos em seus contextos. Portanto, os sujeitos do campo não podem ser interpretados com critérios pré-determinados e estáticos, o que não inviabiliza a possibilidade de reafirmar elementos em

comum a partir de uma leitura de sentidos e significados de como esses grupos se reconhecem e se afirmam na sociedade.

Neste debate sobre a relação entre identidade e cultura poderíamos apresentar diversas concepções, no entanto, abordaremos a compreensão a qual este estudo busca se debruçar que reconhece a convergência entre as duas categorias. Para traçar novos aspectos teóricos recorreremos a Silva (2009, p.76), o qual afirma que:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009,p.76).

A afirmação acima permite entender que cultura e identidade estão sedimentadas em um processo mediado pelas relações de diferenças, as quais são construídas e desconstruídas pelos próprios sujeitos sociais. Dessa forma, o sujeito do campo também é uma construção cultural na reafirmação de identidade, considerando as diferenças e aproximações entre os grupos sociais.

Consideramos que as identidades são construções culturais e sociais onde tais manifestações perpassam pelas relações dos cotidianos nas suas diferentes realizações e significados. Então, podemos afirmar que as identidades dos sujeitos do campo também são construídas e transformadas a partir das suas práticas corporais, para além do trabalho, como também nas suas vivências lúdicas, ou seja, na busca e validação das ações que proporcionam o prazer, o divertimento, as confraternizações que se justificam pela simples necessidade de existir.

O debate sobre as relações lúdicas construídas e vivenciadas em comunidades rurais e suas interfaces com a cultura e identidade do sujeito do campo é necessário, visto que precisamos reconhecer as diferentes manifestações socioculturais desconstruindo os estereótipos construídos historicamente sobre este grupo social, traçando aproximações com essa realidade e fortalecendo a compreensão de que o sujeito do campo também compartilha a ludicidade nas suas vivências.

Nesse sentido, nesta proposta traçamos alguns marcos e relações teóricas de maneira a enriquecer a leitura sobre os elementos identitários e culturais existentes nas práticas lúdicas e suas significações para os moradores da comunidade rural.

Essa realização lúdica precisa ser valorizada nas diferentes comunidades e contextos no sentido de enaltecer os elementos inerentes a formação humana, uma vez que a cultura lúdica também é considerada como possibilidade de novas realizações e compreensões da

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

vida e do mundo. E para evidenciar as possibilidades lúdicas e suas relações socioculturais, recorreremos ao seguinte entendimento:

O homem durante seu processo evolutivo, expressou diversas formas a sua cultura, entre arte, linguagem, os contos, as músicas, o folclore, os jogos etc. Por meio dessas representações simbólicas, os seres humanos corporificam seus afazeres cotidianos e manifestam suas produções culturais, como o processo de organização social (leis, regras, normas de convívio social, trabalho (NEIRA, 2007, p.07)

Para compreender o sujeito do campo, também torna-se necessário explorar a cultura lúdica do campo, visto que são construções culturais e sociais que expressam elementos identitários inerentes a estes sujeitos, estando diretamente relacionadas às alternativas do cotidiano e às validações e significações atribuídas por este grupo social.

2- CULTURA LÚDICA E IDENTIDADE: AS VIVÊNCIAS DOS SUJEITOS DO CAMPO.

A proposta da organização deste texto consiste em tentar interagir ao máximo com as questões observadas nos relatos dos sujeitos da pesquisa, direcionando as possibilidades de diálogos com os pontos elencados a partir de cada pergunta, ou seja, nossa organização textual busca dinamizar as considerações teóricas e relatos dos sujeitos a partir de reflexões acerca da vivência do campo, considerando as relações entre cultura lúdica e identidade.

Vale ressaltar que os relatos foram transcritos respeitando a fidelidade à escrita dos mesmos, sendo organizados em quadros, facilitando a visualização, como um todo, das falas dos sujeitos do estudo. A partir das falas correspondentes a cada pergunta outro quadro foi elaborado, contendo as categorias elencadas dos específicos relatos. Assim, o quadro de categorias elencadas podem ser interpretados como recortes das palavras que apareciam na fala dos sujeitos, algumas por vezes mais que outras, no entanto, isso não desmerece a relevância do recorte.

No sentido de trazermos o máximo possível para esta produção os relatos dos sujeitos da pesquisa, apresentaremos as reflexões referentes a temática deste artigo, para uma melhor compreensão, em tópicos sugestivos, ou seja, demarcaremos os pontos de reflexão teórica sem negar as relações entre os relatos dos sujeitos do campo, envolvidos na pesquisa, que são 25 alunos do PROEJA do IFPA/ Castanhal.

É válido salientar que as considerações abaixo estão relacionadas aos relatos de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, no entanto no decorrer do texto para enfatizar cada tópico abordado faremos a exposição das falas a partir de dois sujeitos (Sujeito identificado pelo número 09 –S09 e o Sujeito identificado pelo número 22 – S22) no sentido de traçarmos algumas aproximações com os diálogos construído com os filhos de agricultores.

2.1- UM OLHAR PARA O PRÓPRIO EU: QUEM SÃO OS SUJEITOS DO CAMPO?

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

O entendimento enquanto sujeito do campo esteve diretamente relacionado à identificação de um “espaço” em detrimento de outro: “a cidade”. No entanto, tal relação também reflete os sentidos e significados desse estar no campo ou no espaço rural, o qual perpassa exclusivamente pela realização do trabalho, da produção agrícola, sem negar as ideologias de poder e dependência entre o campo e a cidade.

“São pessoas que moram afastadas da cidade e são pequenos lavradores e agricultores como meus pais e outros de nossa comunidade” (S.22)

Os valores expressos no entendimento de ser um sujeito do campo configuram-se em uma necessidade de sobrevivência e prática da agricultura familiar como pode ser interpretado na fala abaixo:

“O sujeito do campo somos nós como filho de agricultor que mora no campo e pratica a agricultura familiar” (S.09).

Ainda considerando o relato percebemos que não existe o reconhecimento de si mesmo como um sujeito que também tem suas necessidades lúdicas e que as constrói nas próprias relações no cotidiano, ou seja, não percebemos em suas falas um auto-reconhecimento de pessoas que brincam, se divertem e transformam suas práticas corporais.

2.2- VIVÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DO CAMPO: O RELATO E RECONHECIMENTO DE QUEM AS VIVEM.

As práticas socioculturais são reconhecidas pelos sujeitos do campo a partir de diferentes experiências e compreensões, as quais ultrapassam as visões limitadas da relação apenas com o trabalho. No entanto, não desconsideramos os entrelaçados sólidos das vivências socioculturais com o trabalho.

“Pratica religiosa porque eu participo como vice coordenador da minha comunidade” (S.09)

É possível compreender que as relações com o fazer também estão relacionadas com o ser, apesar do reconhecimento do eu inicialmente estar fortemente atrelado ao fazer do trabalho, percebemos a partir de agora que outros fazeres culturais também dialogam diretamente na construção da identidade do sujeito do campo, uma vez que evidencia e compartilha de outras práticas da comunidade na qual está inserido.

Teixeira e Gimenes (2011,p.78) ressaltam acontecimentos significativos da vida camponesa, como festividades, cultos, divertimentos, brincadeiras e jogos, realizados com a participação de toda a comunidade, existindo a preocupação sobretudo de estruturar-se a convivência coletiva dos camponeses.

“Em minha comunidade (...) tem uma festa de aparelhagem no mês de junho que é tradição, muitas pessoas são sócias desta festa” (S.22)

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

A coletividade também é um dos elementos expressos na fala dos sujeitos, a qual pode ser percebida tanto nas práticas socioculturais do trabalho, como nas realizações comunitárias lúdicas, que são externadas de diferentes formas pelos filhos de agricultores.

Laraia (1986,p.25) apresenta uma consideração interessante para nosso debate quando reanima a discussão sobre a origem do conceito de cultura, fazendo referência construção teórica Edward Tylor (1832-1917), o qual no vocabulário inglês sintetizou o significado do termo germânico *Kultur* (aspectos espirituais de uma comunidade) e a palavra francesa *Civilization* (aspectos e realizações materiais de um povo), originando *Culture*, a qual engloba em seu amplo e complexo sentido etnográfico conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes. Ainda compreende-se que

Com essa definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos (LARAIA, 1986, p.25).

Neste sentido, elencamos algumas convergências teóricas entre o relato dos sujeitos e a construção teórica, visto que as categorias elencadas evidenciam o processo de aprendizagem cultural diante das diferentes realizações humanas dos sujeitos do campo em seus específicos contextos. Portanto, a manifestação cultural lúdica também pode ser considerada na sua dimensão identitária, uma vez que faz parte da bagagem cultural do ser humano.

É necessário deixar claro que neste momento não é nosso interesse interpretar, tampouco analisar as limitações do conceito de cultura de Tylor ou desdobrar outras possibilidades, pois nosso princípio reflexivo está na compreensão do processo de aprendizagem cultural (a qual sedimenta-se nas diferentes realizações humanas). Debruçamo-nos nessa concepção para sustentar a ludicidade como uma realização cultural.

2.3 A DIVERSÃO NA COMUNIDADE: SUJEITOS DO CAMPO TAMBÉM VIVEM A LUDICIDADE.

Os mesmo sujeitos que trazem um reconhecimento de si, inicialmente atrelado unicamente ao trabalho, neste momento enumeram diversas manifestações lúdicas, inclusive enfatizando algumas como próprias vivências do campo, como o futebol ou jogar bola, que ora reúne amigos, como também movimenta o corpo em uma relação do não trabalho e das confraternizações comunitárias.

“O que eu faço em minha comunidade é trabalhar, brincar bola, bilhar e saio pra festa de aparelhagem que é diversão porque não podemos só trabalhar agente tem que sair pra se divertir” (S.22).

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

As diferentes manifestações lúdicas exemplificadas e afirmadas pelos sujeitos do campo convergem para as principais construções inerentes de formação humana, como a dança, o jogo, o esporte e a ginástica, as quais são vivenciadas a partir dos sujeitos que as ressignificam em um processo contínuo de validação, como também de reivindicação do grupo social, constituindo o repertório lúdico.

“Esporte trabalha o corpo, porque eu fazendo esse trabalho eu estou fazendo muita ginástica para minha saúde” (S.09).

É interessante enfatizar que o relato acima está relacionado a questão referente as atividades que proporcionam diversão para o sujeito. Portanto, é preciso considerar a busca lúdica do filho do agricultor. O lúdico, muito mais que um conceito, é concebido como uma ação, uma forma de sentir e agir possibilitada pela liberdade de escolha e motivada pelo prazer de realizar e participar (SOARES, 2010,p.18).

Os jogos, brinquedos e brincadeiras estão presentes na história da humanidade, de sua construção sociocultural, e sempre fizeram parte do cotidiano das pessoas, ainda que de forma implícita. Tais atividades aparecem como divertimentos que levam os cidadãos a participarem da comunidade a estabelecerem relações sociais, além de enfatizarem o papel de cada um dentro do grupo (TEIXEIRA; GIMENES, 2011,p.75).

Apesar do não reconhecimento explícito na fala dos sujeitos do campo como seres que brincam e buscam o prazer em seu cotidiano, é válido considerar que tais realizações lúdicas são vivenciadas pelos filhos de agricultores. E mesmo expressas de forma ainda tímida nos relatos, é possível reconhecer como manifestações socioculturais. Então, dialogamos com o que afirma Carvalho (2006 *apud* SOARES, 2010,p.19), que pelas vivências lúdicas são introjetados os valores, cidadania, identidade e sentimento de pertença dos grupos sociais.

As manifestações lúdicas perpassam pelo entendimento de que são ações construídas a partir da realidade sociocultural dos grupos sociais no sentido de atender sua necessidade lúdica, ou seja, suas ações prazerosas, compartilhando com os princípios do que Soares (2010,p.21) denominou de repertório lúdico. Portanto, ampliamos a leitura para toda e qualquer realização que expresse tal sentido e significado pelo grupo social, compreendendo o lúdico para além do brinquedo e do brincar, mas que dialoga com a própria essência espontânea de tais vivências.

2.4 LUDICIDADE E TRADIÇÃO: APROXIMAÇÕES COM A CULTURA LÚDICA DE SUJEITOS DO CAMPO.

Percebemos que na pergunta que enfatiza as vivências de diversão é mais visível as práticas essencialmente lúdicas reconhecidas pelos sujeitos do campo nas próprias

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

comunidades, sendo claramente apontada a ideia do constante e periodicidade como ingredientes do trato cultural atribuído, bem como a apropriação e pertencimento ao específico contexto da expressão lúdica, além das relações sociais que as validam e as reafirmam com o passar do tempo.

“Existe festa do padroeiro São Sebastião porque é uma tradição religiosa a muito tempo, por isso ela é a manifestação mais importante da minha comunidade” (S.09).

O lúdico celebra os diferentes momentos da vida, o compartilhamento de interesses comuns, objetivos de vida e afirmação de identidade. O fato das relações serem comunitárias faz com que os códigos corporais sejam mais fortemente interiorizados pelos sujeitos, tornando-os mais presentes, ocasionando até exclusão daqueles que rompem com os valores partilhados (SOARES, 2010,p.18).

Ainda é possível salientar que as manifestações lúdicas também envolvem ações coletivas que se reconhecem em práticas consideradas específicas da comunidade e dos sujeitos que as constroem e as transformam traçando também relações identitárias, já que são construções humanas.

“Existe festa junina e de arraial porque são festas de tradição e todos os anos se comemoraram” (S.22).

2.5 ENTRE O LÚDICO, CULTURA E IDENTIDADE: RELAÇÕES E RELATOS DOS FILHOS DE AGRICULTORES.

A cultura lúdica que é inerente ao ser humano, independente da sua formação sociocultural, é um elemento que precisa ser valorizado no sentido da formação da identidade do campo, visto que o sujeito constrói e reconstrói seus valores e princípios, bem como sua cultura corporal, a partir de elementos lúdicos, os quais permitem aos sujeitos reconhecerem o que os une, bem como o que os diferencia, em um processo de convivência e pertencimento ou não pertencimento comunitário, regional, nacional e internacional, o que contribui para a formação da identidade.

“Eu como filho de agricultor o que eu pratico na minha comunidade é joga bola e correr isso que eu faço com muito orgulho o que eu pratico e para me diverti com meus amigos” (S.09).

A manifestação lúdica consiste nas realizações mais prazerosas e satisfatórias do ser humano, na qual as amarras são quebradas, para a libertação do corpo no sentido de vivenciar momentos despadronizados, criativos, peculiares, simplesmente por querer vivenciar.

A questão cultural é algo fundamental para o processo de formação humana. Sendo assim, percebemos a necessidade de considerar a afirmação de Neira (2007,p.06), quando diz que a cultura não só é um conjunto de modos de vida, mas também práticas que expressam significados que permitem aos grupos humanos regular e organizarem todas as relações

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

sociais, sendo que a cultura corporal é um campo de luta cultural, expressa na intencionalidade comunicativa do movimento humano.

A ludicidade constitui-se em uma manifestação cultural que equivocadamente é reconhecida como uma linguagem exclusiva do mundo infantil. No entanto, vale ressaltar que tal construção é do ser humano, que reflete todas as suas especificidades, suas relações, suas ideologias e suas possibilidades de dialogarem com sua própria cultura. Essa linguagem cultural lúdica vem sendo impostamente substituída pela necessidade do capital que sustenta-se na realização do trabalho, negando ao sujeito o reconhecimento de suas próprias necessidades.

A determinação de um modo de ser e não de outro é uma luta por imposição que, segundo Silva (2000 *apud* NEIRA, 2007,p.104), é um dos processos sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. As identidades são compreendidas pelas diferentes posições assumidas perante cada situação da vida.

Nós jovens do campo praticamos muito esporte principalmente o futebol porque é nossa diversão mais preferida do campo (S.22).

De forma não resumida, mas sintetizada, dialogamos também com Soares (2010, p.21) quando afirma que “A socialização do repertório lúdico se constitui em convivência e conhecimento de valores, estilos e formas de vida, preenchida por elementos que formam a cultura nos diferentes grupos”.

A partir dos relatos dos filhos dos agricultores compreendemos que o campo também tem suas formas de brincar, de viver a própria ludicidade, a qual é alimentada e transformada pelos sujeitos que constituem a comunidade. O campo tem sua construção cultural lúdica que constrói identidade e que precisa ser reconhecida como elemento inerente da realização humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade vivenciada na pesquisa realizada é compartilhada a partir desses escritos, os quais ainda que tenham ficado na dimensão dos relatos dos filhos de agricultores, nos fazem sentir vontade de registrar os retratos, mas não no sentido da imagem capturada e sim das experiências presenciadas, da alegria testemunhada, dos risos codificados em corpos que, além de trabalhar, constroem sua bagagem cultural lúdica, rica de um repertório lúdico que se desdobra em valores, hábitos, práticas religiosas, festas comemorativas, confraternizações esportivas, danças específicas e em tantas outras vivências as quais são reconhecidas como próprias daqueles que se reconhecem como sujeitos do campo.

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

Os relatos dos filhos de agricultores também soam como convites para novos debates e questionamentos, os quais convergem para a relação das políticas públicas de esporte e lazer do campo, no sentido de alimentarmos a luta pelos direitos sociais de grupos historicamente excluídos, que buscam a valorização da identidade do sujeito do campo nas diferentes dimensões da realização humana.

Além disso, novas aproximações e diálogos indispensáveis no trato da disciplina de Educação Física foram construídos, uma vez que foi possível identificar outras abordagens necessárias no sentido de enriquecermos o compromisso político, social e cultural da nossa prática pedagógica, bem como traçarmos pontes mais consistentes entre a instituição e a comunidade, buscando garantir o sentido e significado do conhecimento para os sujeitos que compartilham conosco o processo de formação.

THE PLAYFUL CULTURE AND THE INDIVIDUAL FROM THE COUNTRYSIDE:
STUDENT'S ACCOUNTS OF THE PROEJA IFPA/CASTANHAL-PA PROGRAM.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the relationship between the play culture and identity construction of the individual from the countryside. Therefore, we carried out a field study survey with a qualitative approach. Data were collected through a questionnaire with open questions and subjects were twenty-five students from PROEJA the IFPA / Castanhal Program. Students were analyzed from an array of categories considered critical. The study indicated alternative investigative and reflective concerning the identity of the individual from the countryside, which are beyond the working class, also dialoguing with sociocultural aspects of the playful repertoire.

Key words: Playful, Culture, Identity, Individual from the countryside.

LA CULTURA LÚDICA Y LOS SUJETOS DEL CAMPO: RELATOS DE LOS
ALUMNOS DEL PROEJA DEL IFPA/ CASTANHAL- PA

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo analizar las relaciones existentes entre la cultura lúdica y la construcción de la identidad del sujeto del campo. Para tanto, se realizó una investigación de campo con abordaje cualitativo. Los datos fueron recolectados por medio de cuestionario conteniendo preguntas abiertas y los sujetos fueron veinticinco alumnos del PROEJA del IFPA/ Castanhal. Estos fueron analizados a partir de categorías considerando una matriz crítica. El estudio sinalizou alternativas investigativas y reflexivas referentes a la identidad de los sujetos del campo, que están más allá de la categoría trabajo, dialogando también con los aspectos socioculturales del repertorio lúdico.

Palabras clave: Juguetón; Identidad; campo Asunto

¹Este trabalho contou com apoio financeiro para sua realização do IFPA/Castanhal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. *A Educação como Cultura*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. IN: ARROYO, M; CALDART, R. S; MOLINA, M.C. (Orgs). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.148-158.

CARVALHO, R.A. *A Construção da Identidade e da Cultura dos Povos do Campo, entre o Preconceito e a Resistência: o papel da educação*. 2011.153f. Tese (Doutorado em Educação). Pós – Graduação em Educação, UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2011.

FERNANDES, B. M. Diretrizes de uma Caminhada IN: ARROYO, M. G; CALDART, R. S; MOLINA, M.C (Orgs.). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.134-145.

GIMENES, B. P; TEIXEIRA, S.R.O. *Brinquedoteca: manual em educação e saúde*. São Paulo: Cortez, 2011.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

NEIRA, M. G. *Ensino de Educação Física*. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença IN: SILVA, T. T. S (Org); HALL, S; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.73-102.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, T. T. (Org.); HALL, S; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*.4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.1-72.

SOARES, M. G. *Para uma Cartografia Lúdica da Amazônia*. Belém: EDUEPA, 2010.